psicanálise e psiquiatria com crianças

Ângela Mucida

Resenha do livro de Oscar Cirino: *Psicanálise e psiquiatria com crianças – desenvolvimento ou estrutura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Apesar da afirmação freudiana, em "A sexualidade na etiologia das neuroses" (1898), de que, naquele momento, a psicanálise não era aplicável às crianças, por requerer um certo grau de maturidade, Freud não descartou a possibilidade de um tratamento possível às mesmas por meio de métodos "suplementares". No curso de sua obra são formalizadas contribuições cruciais em relação à criança, tornando-se as mesmas uma literatura de referência fundamental aos diferentes discursos que buscam abordar a questão da infância. A aposta freudiana de que houvesse um progresso da psicanálise em direções até então não formalizadas tem encontrado na psicanálise com crianças um vetor importante. O livro de Oscar Cirino, *Psicanálise e psiquiatria com crianças — desenvolvimento ou estrutura*, constitui-se, sem dúvida, em uma inegável contribuição a esse esforço de formalização.

Desenvolvimento ou estrutura? é o percurso central do livro que, com uma linguagem clara, precisa e rigorosa, introduz o leitor não apenas no campo da psicanálise com crianças mas, ao abordar distinções fundamentais entre criança, infância e infantil, introduz questões cruciais que atravessam a clínica analítica.

Distinguindo a clínica da infância, assentada sob a perspectiva genética do desenvolvimento, da clínica do infantil constituindo-se sob a vertente estrutural da própria divisão do sujeito entre significante e real do gozo, é destacada a tese de que a psicanálise "não se constitui em uma teoria sobre a infância, mas sobre o inconsciente e o gozo". Ao mesmo tempo, a partir de uma análise na qual são focalizados os estatutos do tempo, da história, do desenvolvimento e da estrutura, o autor destaca os pontos de junção e de disjunção entre criança e adulto, extraindo suas conseqüências clínicas.

O primeiro capítulo dedica-se a percorrer por diferentes discursos o estatuto da infância no ocidente e, em particular, no Brasil. É assinalada também a política brasileira em relação à criança, analisando-se as intervenções do Estado para retirá-

la da "situação irregular" de rua em direção a uma suposta proteção integral. A criança passa a ser objeto de diferentes intervenções: mães, pais, políticos, educadores que "com boas ou más intenções se dispunham a *protegê-las ou castigá-las*". Mas, afinal, "de que são responsáveis as crianças?", indaga o autor. Ao responder a essa questão, Oscar Cirino remete-nos ao conceito de responsabilidade analítica (uma responsabilidade diferente tanto da responsabilidade legal, quanto da que busca culpar ou desculpar), que diz respeito a uma "responsabilidade face à estrutura, ou seja, o consentimento à determinação da cadeia significante e ao objeto que causa o sujeito". Ou, com Lacan: "por nossa posição de sujeitos somos sempre responsáveis" ("A ciência e a verdade"). Da mesma forma que na clínica com adultos, a psicanálise com crianças pretende fazer advir o sujeito responsável.

Por fim o autor põe em questão se o conceito de infância não estaria desaparecendo na contemporaneidade face à nova organização sócio-política-econômica do capitalismo atual (da mesma forma que esse conceito foi inventado na ascensão do mesmo) e face ao apelo atual de força e beleza representado pela juventude. Estaria para essa confluindo *tanto as crianças quanto os adultos e os idosos?*

No capítulo seguinte busca-se distinguir, na psicanálise, a infância do infantil. A partir da tese anteriormente assinalada — "a psicanálise não é uma teoria sobre a infância mas sobre o inconsciente e o gozo" —, o autor assinala que se o inconsciente não tem idade, a satisfação e o gozo não se desenvolvem da mesma maneira entre a criança e o adulto, retomando com Lacan pontos importantes, tornando-se, assim, essencial distingui-los. Com esse objetivo ele lança mão de quatro vertentes: significante, gozo, história e ato, para distinguir "pessoa grande", termo utilizado por Lacan, e criança.

A criança é um ser falante, dividido pelo significante, mas com diferenças entre elas (pela experiência de vida, história), acentuadas pelo divisor de águas entre aquela que fala e aquela que já sabe ler. Em relação ao gozo, ela não dispõe do ato sexual e em relação aos atos, no sentido geral, ela não dispõe de "meios econômicos e jurídicos" para sustentá-los.

O infantil tem, em Freud, conforme indicado no texto, diferentes sentidos: sexualidade infantil, amnésia infantil, organização infantil, entre outros, remetendo à idéia de algo vivido no período da infância, mas, ao mesmo tempo, à idéia de estrutura, pulsão, gozo etc. É nesse sentido que o autor afirma que foi "o deslocamento da infância ao infantil que permitiu a

Freud reinventar a psicanálise".[1] O infantil seria, portanto, o efeito do significante sobre os sujeito do inconsciente; esse "núcleo do real" a revelar a posição de desamparo do sujeito frente à exigência de trabalho pulsional. Assim, o dispositivo analítico não se assenta na infância ou na observação sobre as crianças, mas sobre o infantil como representante do encontro traumático com o sexual.

[1] Cf. Birman citado pelo autor, p.56.

No capítulo intitulado "Psicanálise, psiquiatria e saúde mental infantil" as inter-relações entre os discursos psicanalítico e psiquiátrico são postas em destaque, bem como suas práticas. Retomando a história da formação do saber psiquiátrico sobre a criança, o autor coloca em debate conceitos como higiene, saúde mental, atenção psicossocial, retardamento, delinqüência, demência precocíssima e esquizofrenia infantil.

No capítulo final do livro, "Desenvolvimento ou estrutura", alguns pontos anteriormente levantados são rigorosamente trabalhados. Partindo dos conceitos de tempo, história e estrutura, o autor delimita as diferenças entre desenvolvimento e estrutura, demonstrando que a novidade posta desde Freud em relação ao conceito de infantil, que já apontava para o conceito lacaniano de estrutura, e as teses fundamentais de Lacan sobre o objeto e o gozo têm efeitos fundamentais sobre a direção do tratamento na clínica com crianças.

Esse livro sustenta, portanto, questões cruciais da clínica do infantil. Caracterizado por um vasto trabalho de pesquisa teórica, instiga o leitor a novas questões sobre o tema, principalmente no que concerne às respostas da psicanálise ao particular dessa clínica que não se encaixa, como é demonstrado, ao saber normatizante e universal.